

FRANCA



simpósio dos professores  
universitários de história

3 · 7 DE NOVEMBRO, 1965

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS  
DE FRANCA.

Associação dos Professores Universitários de História.

ANAIS .

FRANCA

1966

## O ARTESANATO NO MUNICÍPIO DE OSASCO EM FINS DO SÉCULO XIX.

Uma família: Viviani. A “fábrica de pitos”.

**Helena Fignatari Werner (\*\*).**

---

Osasco e seus arredores pertenciam, em meados do século XIX, a um rico latifundiário de nome João Pinto. As terras deste tinham como limites: ao norte, o rio Tietê; ao sul, a estrada de Cotia; ao nascente, os rios Pinheiros e Pirajussara; e a poente o rio da Cotia. Posteriormente, parte dessa área foi vendida ao coronel Licínio de Camargo e outros.

Incrustadas nêsse vasto território achavam-se as terras do sítio de Quitaúna, que ocupava uma curva do rio Tietê, onde está hoje o quartel de Duque de Caxias. Esse sítio pertenceu a Antônio Rapôso Tavares e depois a Chico de Brito; com a morte deste, ficou morando ali seu filho Cândido Mariano de Brito. O sítio era cortado pelo Tietê; nêle havia uma vila de pescadores chamada Vila dos Remédios, em homenagem a Nossa Senhora dos Remédios. Rio abaixo, as terras pertenciam ao dr. Feliciano Rosa, até um ponto em que um valo (sem nome) sai do rio Tietê. Daí até a foz do Ribeirão Vermelho, um terreno que se alargava para o interior pertencia ao dr. Víctor M. Silva Airosa.

Descendo o rio Tietê, à margem direita encontrava-se o sítio de Joaquim Leonel, tendo ao fundo o sítio da Cavaca, propriedade de um alemão, Max Leonard.

### ORIGEM DA CIDADE.

Osasco era por essa época apenas uma chave (km. 16) da Linha Sorocabana. A origem da cidade deve-se realmente a

(\*) — As fotografias utilizadas neste trabalho, assim como a recuperação dos objetos usados no artesanato, só foram possíveis graças a gentileza do Sr. Osvaldo Ciscato, bisneto de Maximiliano Viviani, a quem a Autora agradece.

(\*\*) — Professora de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

um italiano de nome Antônio Agu, funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana, que em 1893 comprou uma gleba de terra compreendida entre os córregos Bussocaba e Aguadinha, e tornou-se fornecedor da Estrada de Ferro Sorocabana, à qual vendia areia, telhas e tijolos.

Quando, em 1895, foi aberto pela Sorocabana o desvio de Boycicaba (hoje Bussocaba), houve necessidade de melhorar o serviço telegráfico, em vista do grande movimento que começou a registrar-se. Antônio Agu, logo a seguir, construiu uma estação de alvenaria no km. 16 da ferrovia e a ofertou à Companhia Sorocabana, pedindo-lhe fôsse essa estação chamada **Osasco**, nome de sua terra natal na Itália (1).

Relatório da Companhia União Sorocabana e Ituana, do ano de 1895, comprova êsse fato (2):

“Acha-se aberta uma estação no quilômetro 16, denominada Osasco, que tornou-se necessária para desvio de trens. (as.) G. Oeteker, superintendente. Sorocaba, 20 de agosto de 1895”.

Já bem antes, em 1874, o mesmo George Oeterer julgava necessário, para o bom desenvolvimento do tráfego, estabelecer estações intermediárias entre São Paulo e Barueri, São José e São Roque, São Roque e Piragibú, Piragibú e Sorocaba, Cangüera e Pantojo (3).

Assim nasceram Osasco e diversas outras localidades da região, a princípio simples estações da Sorocabana.

## LIMITES.

Os limites do Município de Osasco estão hoje assim estabelecidos (4):

**Com o Município de Barueri** — Começa na cabeceira mais meridional do córrego da Pedreira, pelo qual desce até ao rio Tietê e vai por êste acima até à foz do córrego Vermelho, sobe por êste à sua cabeceira mais setentrional, continua pelo espigão que deixa à esquerda as águas dos córregos Três Irmãos e dos Garcias, até à cabeceira mais oriental do córrego dos Garcias.

- (1). — Revista “Nossa Estrada”, ano XXXI — 1959, n.º 250, segunda fase, pág. 43.
- (2). — Relatório da Companhia União Sorocabana e Ituana, ano 1895, págs. 31 e 32.
- (3). — Revista “Nossa Estrada”, ano XXXI — 1959, n.º 250, segunda fase, págs. 31 e 32.
- (4). — “A Cidade de São Paulo” — Estudo de Geografia Urbana — Direção de Aroldo de Azevedo.

**Com o Município de Santa do Parnaíba** — Começa na cabeceira mais oriental do córrego dos Garcias, no divisor das águas dos Garcias e do ribeirão Mutinga, segue por êsse divisor até cruzar com o espigão-mestre, entre as águas do rio Tietê e do rio Juquerí.

**Com o Distrito de Paz do Jaraguá** — Começa no espigão-mestre entre as águas dos rios Tietê e Juquerí, no ponto de cruzamento com o divisor que segura as águas do córrego dos Garcias das águas do ribeirão Mutinga, segue pelo espigão-mestre até à cabeceira mais setentrional do ribeirão da Olaria

**Com o Subdistrito de Pirituba (32.o da capital)** — Começa na cabeceira mais setentrional do ribeirão da Olaria e vai por êste abaixo até sua foz no ribeirão Vermelho, desce por êste até à parte da estrada do Mutinga, cujo eixo acompanha até à estrada dos Remédios, e por esta segue até ao rio Tietê.

**Com o Subdistrito da Lapa (15.o da capital)** — Começa no Rio Tietê, onde êste é cortado pelo eixo da estrada dos Remédios, e desce pelo rio até à foz do rio Pinheiros.

**Com o Subdistrito do Butantã (13.o da capital)** — Começa no rio Tietê, onde desagua o rio Pinheiros e desce por aquêlê até à embocadura do córrego Continental pelo qual sobe até à sua cabeceira mais meridional, continua pelo espigão que deixa, à direita, as águas do ribeirão Carapicuíba e do córrego Bussocaba e, à esquerda, as águas do ribeirão Jaguaré, e vai até ao alto do morro do Jaguaré.

**Com o Município de Cotia** — Começa no morro do Jaguaré, em frente à cabeceira sub-oriental do ribeirão Carapicuíba, atinge êsse ribeirão e por êle desce até à sua cabeceira e vai em linha reta até à cabeceira mais meridional do córrego da Pedreira.

## OS PRIMEIROS HABITANTES.

Antônio Agu, quando comprou essas terras, já tinha em mente fazer de Osasco um núcleo de grande desenvolvimento, provavelmente industrial. Nas suas viagens pela Sorocabana, parece ter-se impressionado com as indústrias existentes principalmente em São Roque. Daí fundar uma olaria e desenvolvê-la, com seu sócio Sanseau de Lavaud, como fábrica de tubos e cerâmica. Um de seus objetivos era atrair capitais de São Paulo para Osasco.

Bem por isso, procurou Antônio Agu dar a Osasco condições de habitabilidade, vendendo parte de suas terras próxi-

mas à estrada de ferro a diversas famílias de origem italiana (5). Estas desenvolveram aí sua vida e capacidade profissional. Começaram modestamente. Adquiridos os terrenos, porém, deram início à construção de casas. Assim principiou a formar-se o conglomerado urbano que viria transformar-se num grande bairro e alcançaria a emancipação política e administrativa, passando a município, no ano de 1962.

Segue-se um exemplo das numerosas vendas de terras feitas por Antônio Agu e registradas no Cartório da primeira Circunscrição de Registro de Imóveis (São Paulo — Capital). É do princípio do século, quando começava a delinear-se a existência da nova localidade. A ortografia da época está respeitada:

Número de ordem:

41.208.

Data:

Nove de junho de mil novecentos e cinco.

Freguezia do immovel:

Consolação, desta Capital.

Denominação ou rua do immovel:

Villa Ozasco.

Confrontações e características do immovel:

Um terreno medindo trinta metros de frente por noventa e um metros e meio de fundos, confinando pela frente com a linha férrea Sorocabana, de um lado, com João Collino, de outro com elles vendedores e nos fundos com Cesare Pancardi.

Nome e domicilio do adquirente:

Pietro Michelli, proprietario, residente nesta Capital.

Nome e domicilio do transmittente:

Antonio Agú e sua mulher Benevenutta Chiaretta Agú, proprietarios, residentes nesta Capital.

Titulo:

Venda e compra.

Forma do titulo — Tabelião que o fez:

Escriptura de 10 de maio de 1897, lavrada nesta Capital, nas notas do 4.º Tabelião — Dr. Manoel José da Silva.

Valor do Contracto:

Rs. 1:921,000 (um conto, novecentos e vinte um mil reis).

Condições do Contracto:

Não ha.

---

(5). — Cartório da 1a. Circunscrição de Registro de Imóveis — Vendas de Antônio Agu.

## EXPANSÃO DO NÚCLEO.

Os terrenos entre o Tietê e a linha da estrada de ferro Sorocabana, desde o córrego Bussocaba até o Aguadinha, foram vendidos ao ferreiro Manuel José Rodrigues (Maneco), que ali abriu um armazém. A tradição local afirma que o lugar era conhecido pelo nome de Bairro do Maneco. E' esse bairro que nos interessa de maneira especial, pois nêle se instalou uma rudimentar indústria doméstica de pitos, montada por Maximiliano Viviani e sua família. Descendentes dêsse pioneiro ainda moram hoje em Osasco.

Adquiriram terrenos e construíram casas nas imediações do Bairro do Maneco as seguintes pessoas, que foram os primeiros moradores do local: Teófilo Ribeiro, carpinteiro; Vicente Buscarini, ferreiro; Nicola Leme, sapateiro; Domingos Finocchio, negociante; José Fiorita, negociante; Pascoal Bocci, bananeiro; Venâncio Pires, Leonardo Venturini, José Melleiro, Joaquim Jacinto, Manuel Carvalho, também negociantes; Antônio de Sá, Francisco Argioli, Nicola Abruzzese e outros (6).

Fora os proprietários, moravam em terras do Maneco, nas margens do Tietê, próximo ao km. 18, diversas famílias italianas, que ali fundaram uma olaria. Eram as famílias de Pedro Michelli, Leonildo Rovai, André Rovai, Vicente Lenzi e Ascânio Pierini.

Nesse tempo já o govêrno do Estado havia aberto um canal dentro dessas terras.

## DAS CHÁCARAS ÀS FABRICAS.

Em direção sul-norte, corre o córrego Bussocaba, cujas águas, nascentes em terras da fazenda do dr. Iane, vinham banhando diversos sítios e chácaras até alcançar o Tietê, junto à balsa de João Collino, dividindo nesse ponto os terrenos do francês Sansau de Lavaud com os de Francisco Caetano de Oliveira.

Mais para o interior, aquêle regato dividia as terras de Antônio Agu e José Quintas Reis, bem como as terras da Fazenda Campesina, propriedade do dr. Fortunato de Camargo, das do italiano Narciso Storlini, dono de uma fábrica de papéis conhecida pelo nome de "Carteira", porque fabricava car-

---

(6). — Cartório da 1a. Circunscrição de Registro de Imóveis — Vendas de Antônio Agu.

teiras para cigarros. Incipientes indústrias, portanto, já começavam a florescer na região.

Os terrenos da “Carteira” foram posteriormente divididos em pequenos propriedades, cujos donos eram Angelo Este, João Cerussi (apelidado “Gigante”), Domingos Spada e outros. Moravam no bairro as famílias Bizordi, Biazoli, Ciscato e mais algumas. Pouco acima da Fazenda Campesina, do doutor Camarguinho (como era conhecido o dr. Fortunato de Camargo), estavam as chácaras do dr. Domingos Jaguaribe e de Emílio Kramer, esta última célebre pelas frutas estrangeiras ali cultivadas, e que foram premiadas em diversas exposições. Próximo dali, encontrava-se a chácara do fundador da cidade, Antônio Agu, famosa por suas uvas e seus vinhos.

Nos campos que circundavam a nascente povoação havia grande quantidade de guabiobas, itapicurús e pitangas. Rodeando essa grande várzea central, estavam as chácaras Fran-zoi, Barajola e Bricola.

#### ARTESANATO — A FABRICAÇÃO DE PITOS.

Maximiliano Viviani chegou a Osasco no dia 20 de fevereiro de 1895, vindo da cidade de Pisa, na Itália. Trazia na bagagem a ferramenta de trabalho que sustentaria toda a família: moldes de pito, de madeira, além da técnica para sua fabricação.

Maximiliano e sua esposa, Rosa Dal Oste Viviani, foram residir no bairro do Maneco, onde, com os filhos e netos, desenvolveram um artesanato que viria a ser conhecido em todo o país.

Dedicaram-se a essa atividade, além de Maximiliano e a mulher, três filhos e três filhas.

Os filhos: Lanchioto, com a esposa e os filhos Rosina, Elza, Gino, Américo, Roberto (Gino, o menor, não chegou a trabalhar na produção de pitos); Eclísio, com os filhos José, Nelo, Alfredo e Mário; e Gino, que contribuiu menos, mesmo porque suas duas filhas não trabalharam com a família.

As filhas de Maximiliano eram Élide, Amélia e Dósola. Além dos membros da família, somente trabalharam na fabricação de pitos dois jovens de fora: Atílio Fabri e João Recke, que ajudaram durante certo tempo.

## PROCESSO.

O processo de fabricação consistia basicamente no seguinte: de início moldava-se em barro o modelo de madeira trazido da Itália (foto n.º 1). Esse barro recebia um corte lateral-horizantal, que permitia a retirada no modelo de madeira. Ficava pois o molde de barro em baixo-relevo; derramava-se gesso nesse molde, o que permitia extrair um modelo de pito fundido em gesso (foto n.º 2). Para receber o gesso, o modelo em barro era amarrado fortemente e envolvido com papelão. Obtinha-se dessa maneira não mais um modelo em baixo-relêvo em barro (que não podia receber o chumbo derretido), e sim em gesso. O mesmo processo era usado para se obter as duas metades em baixo-relêvo de gesso (foto n.º 3).

Com a fôrma do pito moldada em gesso, repetia-se ainda o processo, nela derramando chumbo derretido. Formava-se assim o molde definitivo, onde se colocava depois barro, chegando-se então ao produto final.

O modelo em chumbo tinha dois orifícios laterais: um deles destinava-se ao cabo do pito; o outro era reservado para a colocação do fumo. Por aquêles dois orifícios eram introduzidas duas peças de madeira pontudas, uma mais larga do que a outra (foto n.º 4) e cuja finalidade, naturalmente, era assegurar as aberturas do pito. Em italiano essas peças eram designadas pelo nome de "espinas", que não tem correspondente em português.

## O MATERIAL.

A Sorocabana, sem o saber, fornecia muito material para o artesanato dos Viviani. Restos de chumbo que sobravam dos consertos dos postes da estrada de ferro eram por êles utilizados. Esse chumbo era derretido num cadinho tipo frigideira (foto n.º 5), com cabo longo; a seguir, era derramado nas fôrmas (foto n.º 6).

O barro usado para fabricação dos pitos era retirado da beira do Tietê (canal velho), região que pertencia à chácara de Manuel Rodrigues (Maneco), sem necessidade de pagamento. Esse barro era sovado por Maximiliano (que logo recebeu o apelido de "Pipaio", ou seja, "Piteiro"), durante duas horas, com uma barra de ferro. Só então, podia ser colocado na fôrma de chumbo.





Foto nº 1 — Modelo de cachimbo esculpido em madeira, original da Itália.



Foto nº 2. — O modelo em madeira no gesso.

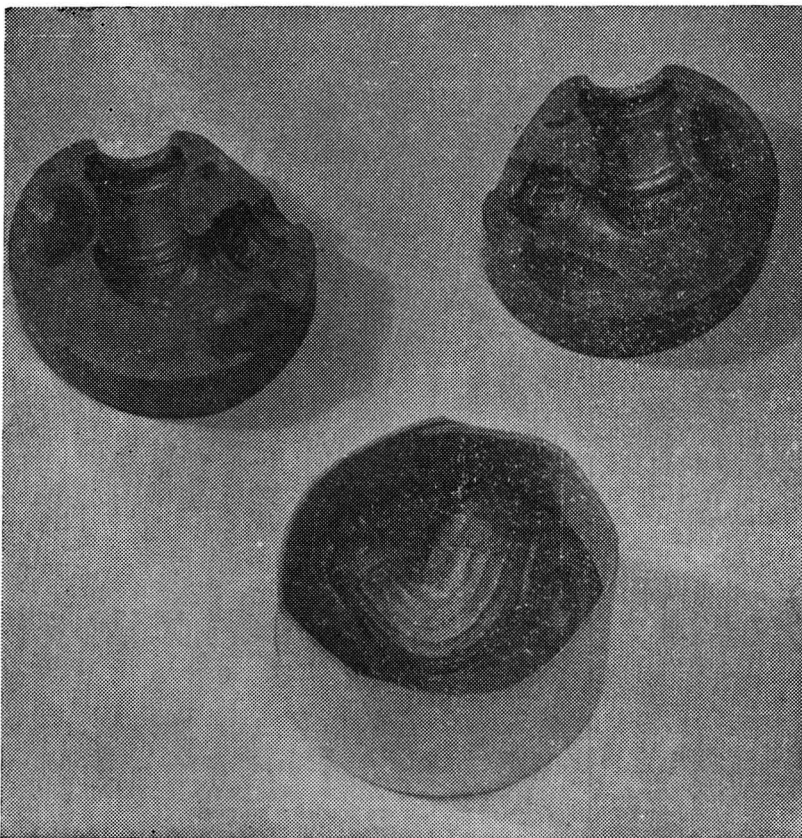


Foto nº 3. — Molde de gesso em baixo-relêvo no qual eram moldadas as fôrmas em chumbo.

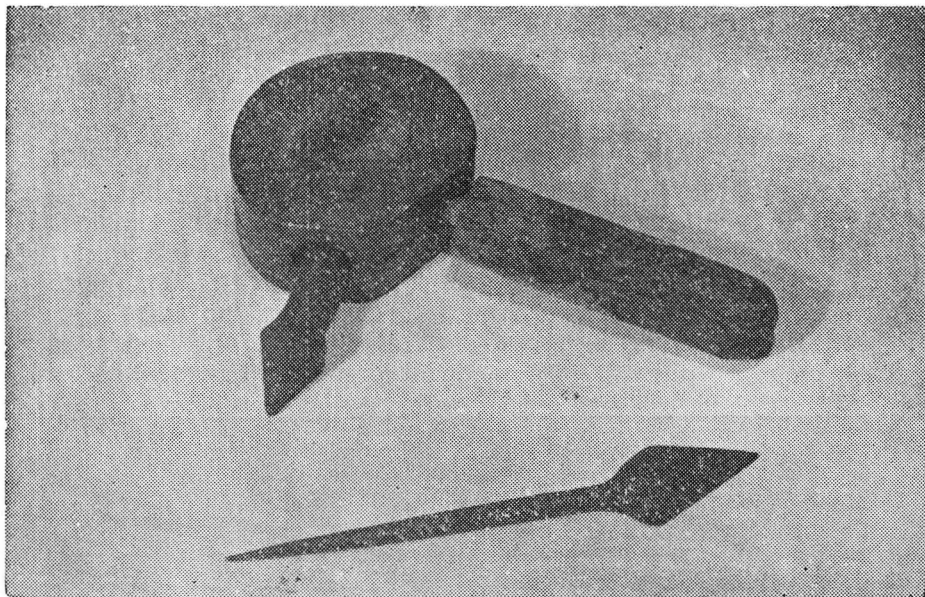


Foto nº 4. — Modelo em chumbo vendo-se a peça de madeira chamada “espina” para perfuração do cachimbo (cabo e fumo) e a espátula de metal denominada “lancheta”.

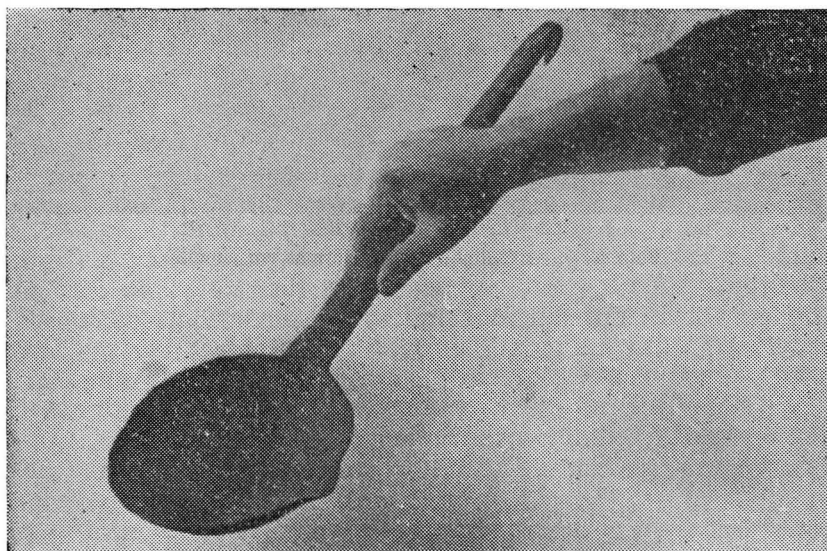


Foto nº 5. — Cadinho tipo frigideira.

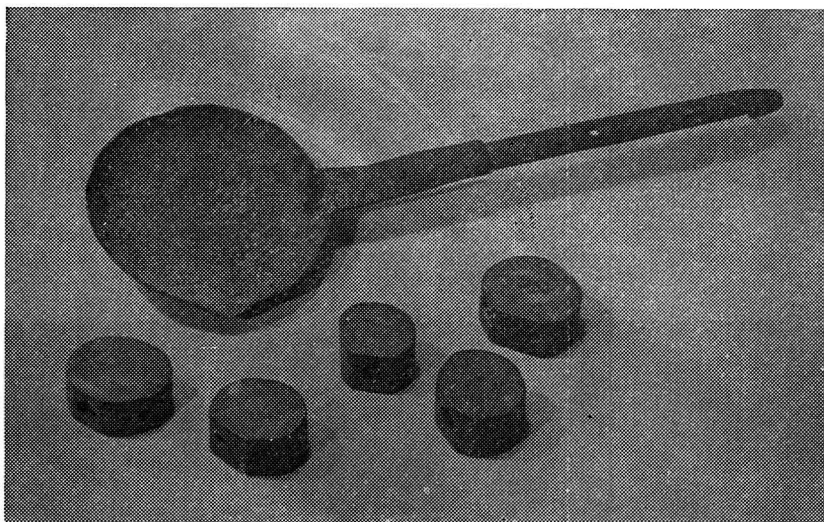


Foto nº 6. — Cadinho com as formas em chumbo.

O barro era prensado no chumbo por uma prensa manual e primitiva (foto n.º 7), que ficava prêsa a uma mesa tipo mesa de sapateiro. Trabalhavam todos sentados em tórno dela. Retirado o pito da fôrma, era logo limpo com uma espátula de ferro denominada “lancheta” (para tirar a rebarba). Êste era geralmente trabalho das crianças. A “lancheta” tinha uma das extremidades bem fina, para o acabamento do pito; servia para a perfuração do orifício por onde passaria a fumaça para o cabo (foto n.º 4).

Depois dessa operação, os pitos secavam na sombra, em tabuleiros, durante alguns dias; a seguir, eram expostos ao sol e finalmente levados ao fôrno.

### CÔR.

Apenas os pitos de côr prêta demandavam operações um pouco mais complexas. Para conseguir côr prêta uniforme e brilhante, havia necessidade de esfregar grafite no pito e depois dar brilho com uma escôva (de sapato). Em seguida eram os pitos colocados numa lata de querosene, sôbre uma camada de serragem; em cima das peças colocava-se nova camada de serragem, até encher a lata. Esta era então rigorosamente fechada e tôda revestida em barro. Ia depois para a forno. Quanto retirada, a lata e a serragem estavam completamente estragadas, mas os pitos saíam brilhantes.

A côr vermelha era obtida mediante simples banho com água e terra vermelha, no pito cozido.

Sem nenhum processo de coloração, os pitos saíam branco do forno.

### NOMES.

As peças eram batizadas de acôrdo com a sua forma, daí surgirem vários tipos de pitos. Os menores recebiam o nome genérico de “pitos caipiras” e podiam ser: “Pé de Galinha” (porque se mantinham em pé apoiados em três garras de galinha em alto relêvo) (foto n.º 8); “Perigo Amarelo” (quando a máscara da frente apresentava uma máscara mongol) (foto n.º 9); “Garibaldi” (por apresentar o rôsto de Garibaldi).

Os maiores recebiam o nome de cachimbos. Havia também vários tipos: “napolitano”, quando eram curvos, e “toscanos”, quando retos.

O forno onde eram cozidos era de fabricação rústica, feito de tijolo comum, com uma espécie de assoalho furado (de tijolo também) por onde passava o fogo, que ia até em cima do



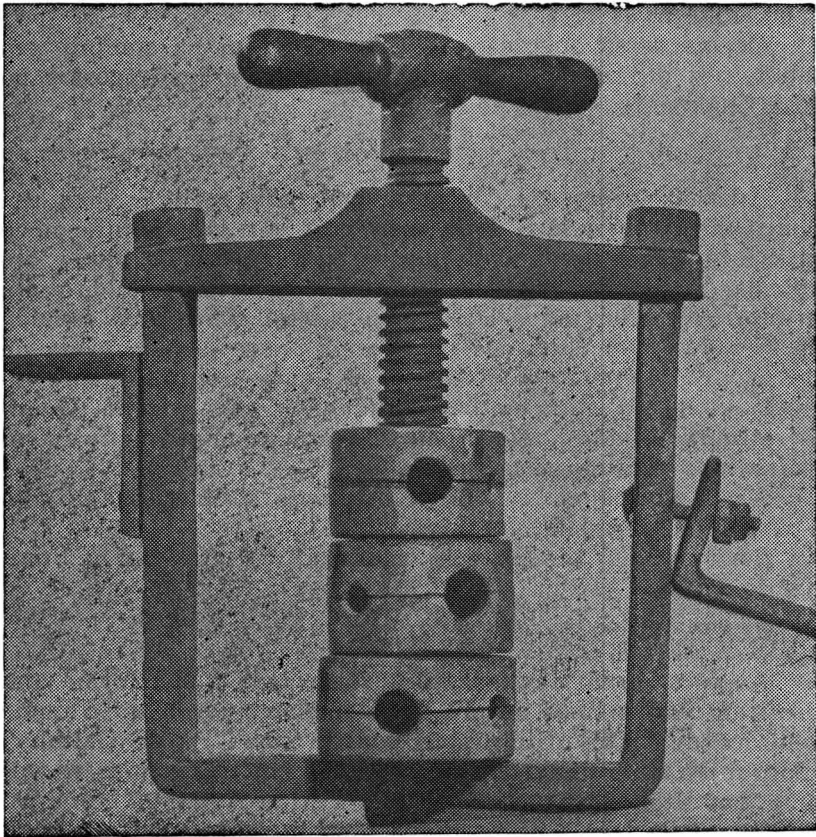


Foto nº 7. — Prensa com as formas de chumbo.

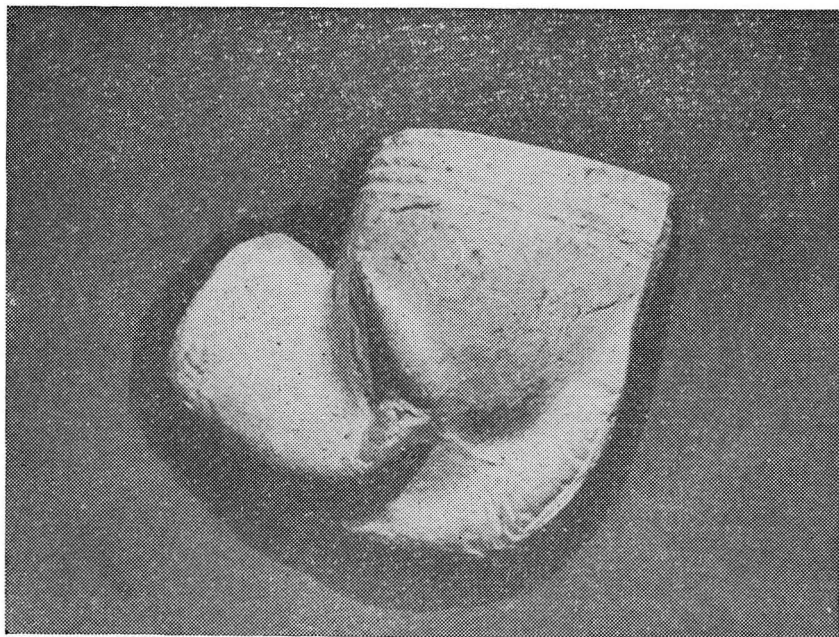


Foto nº 8. — Pito tipo “pé de galinha”.

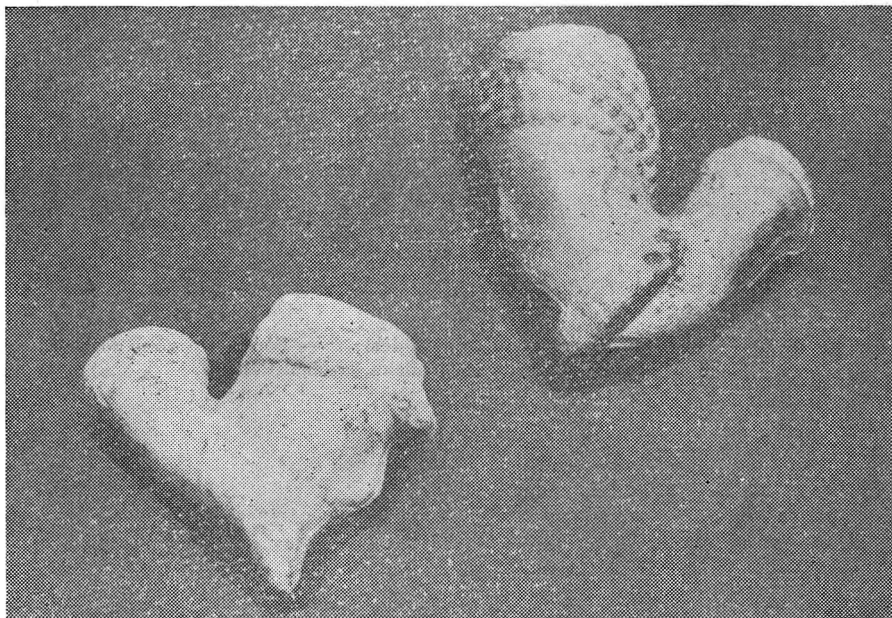


Foto nº 9. — Pito tipo “perigo amarelo”.



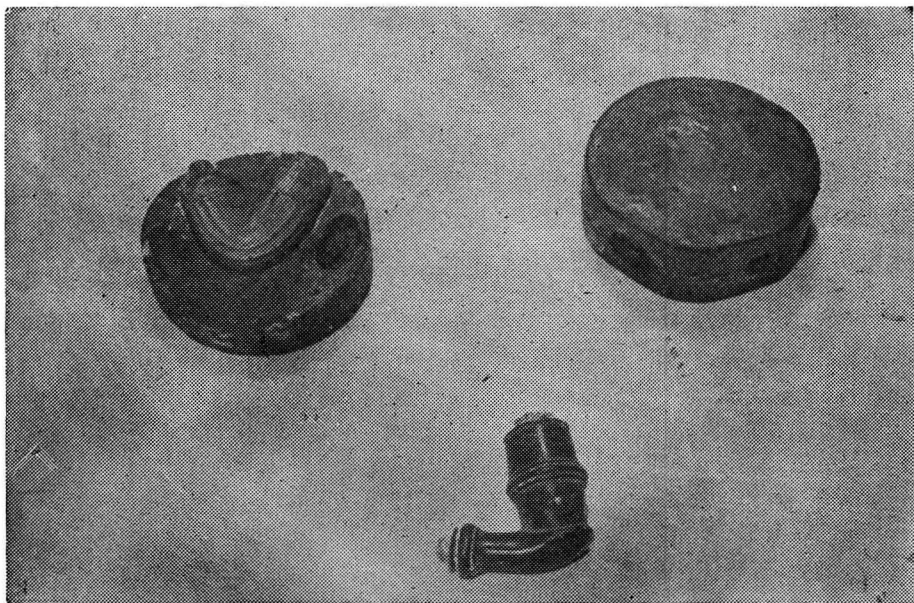


Foto nº 10. — 1 — Fôrma em gesso com modelo; 2 — Fôrma em gesso fechada;  
3 — Modelo esculpido em madeira, original italiano.

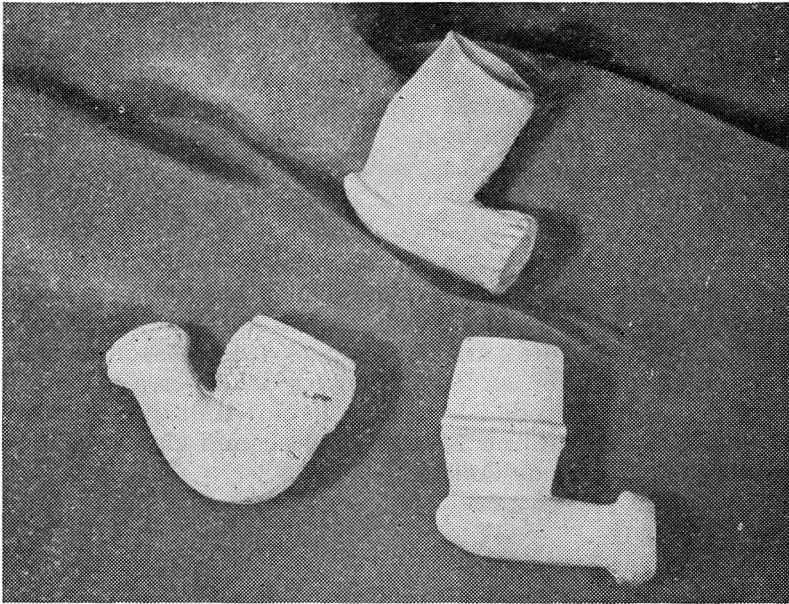


Foto nº 11. — Vários Modêlos de pitos fabricados em Osasco.

forno saindo muitas vezes pela chaminé. Esse fogo atuava diretamente sobre as latas e as peças que estavam sobre elas (as que não estavam sendo coloridas). O forno possuía cerca de 1,30 cm de largura por 2 metros de altura. O resfriamento das peças era feito lentamente, iniciando-se no forno apagado e continuando depois fora dele.

#### VENDA.

Estavam então prontos, os pitos, para serem entregues ao mercado consumidor, que era todo o Brasil. O próprio Maximiliano os levava para venda no interior paulista, aproveitando a oportunidade para ficar alguns meses espaiando... Oficialmente, porém, as firmas Irmãos del Guerra e Casa Ranieri (rua Florêncio de Abreu, São Paulo) tinham o monopólio da venda do produto no Estado, sendo compradores de toda a produção do bairro de Osasco.

#### DECADÊNCIA.

A decadência desse artesanato iniciou-se com o surto da industrialização paulista. Enquanto não houve concorrência, a produção absorvia toda a família Viviani e bastava-lhe para o sustento. Não se mecanizaram e acabaram sendo superados pela indústria similar, que fabricava o mesmo produto mais barato e de melhor qualidade, naturalmente.

Enquanto isso, o sonho de Antônio Aguiar ia-se concretizando. Osasco se transformava num grande centro industrial, um dos maiores de São Paulo, e a família Viviani, abandonando a antiga e tradicional ocupação, também passou a ver melhores possibilidades nas novas fábricas. A produção artesanal de pitos foi abandonada, mas deixou bem marcado o traço de sua passagem na vida de Osasco.

\*  
\*   \*  
\*

#### INTERVENÇÕES.

Da **Profa. Alcie Piffer Canabrava** (F.C.E.A. da U.S.P.).

Declara, inicialmente, que desejava ressaltar a importância básica da comunicação, pois justamente um dos mais difí-

ceis problemas para o historiador é precisamente aquêles que constitui o objeto desta comunicação: o de reconstruir técnicas já perdidas no tempo. Insiste em afirmar que precisaríamos de centenas de comunicações como esta que acabava de assistir, para um melhor conhecimento das técnicas artesanais do passado, muitas delas perdidas no tempo ou completamente transformadas, de um modo ou de outro afetadas na sua pureza primitiva.

Diz também que temos que reconhecer que não possuímos ainda uma história das técnicas no Brasil. Levanta apenas um problema, o qual, lhe parecia, poderia merecer maior reflexão histórica: o da atividade artesanal em estudo, ou seja a produção de pitos que desapareceu submersa pela atividade dos membros mais jovens da família Viviani, que preferiram a atividade fabril. Não se poderia também pensar no egoísmo dos artesãos, que ciosos do segredo de seus processos, não transmitiram sua técnica a outros, egoísmos que lembra bem o dos artesãos medievais?

\*

**Da Profa. Leda Maria Pereira Rodrigues (Madre Angela)**  
(F.F.C.L. "Sedes Sapientiae" da P.U.C. S. P.).

Pergunta:

1.º). — Há notícias de fabricação de pitos em outros lugares, além de Osasco? Houve monopólio da família Viviani?

2.º). — A falta de mercado terá sido um dos fatores do desaparecimento prematuro do artesanato?

\*

**Da Profa. Heloisa Liberalli Bellotto (F.F.C.L. de Assis, S.P.).**

Solicita da relatora um esclarecimento:

A relatora afirmou na sua exposição que a distribuição de pitos era feita pelo próprio Maximiliano Viviani e o resumo escrito, que foi distribuído, dá notícia que os Irmãos Del Guerra e a Casa Ranieri possuíam o monopólio do comércio. Pergunta, então, se o comércio dos pitos abrangeu um campo realmente mais amplo do que simplesmente as regiões percorridas pelo Sr. Viviani?

\*

Da **Profa. Maria Cecília Mauro Freire** (F.F C L. da P. U. de Campinas, S. P.).

Pergunta a respeito da técnica de produção de pitos com relação à perfuração dos mesmos. Se era feita pela própria fôrma de chumbo ou escavado posteriormente ao cozimento das peças?

\*  
\* \* \*

RESPOSTAS DA PROFA HELENA PIGNATARI WERNER.

À **Profa. Alice Piffer Canabrava**.

Declara que realmente os membros mais jovens da família Viviani passaram a trabalhar nas indústrias nascentes, especialmente na Companhia de Cerâmica de Osasco, onde lidavam com um material conhecido deles — o barro — e em muitas outras que surgiram em Osasco, concretizando o sonho de Antônio Agu, seu fundador, que pretendia forjar aí um centro industrial.

Os jovens membros da família Viviani livram-se do artesanato onde trabalhavam para a família, recebendo apenas casa e comida, porque na indústria recebiam um ordenado, tinham oportunidade de um convívio mais íntimo com os companheiros, organizando seu próprio ambiente social e esportivo.

Os velhos artesãos não transmitiram os seus conhecimentos a ninguém. A arte e a técnica da fabricação dos pitos morreu com eles.

\*

À **Profa. Leda Maria Pereira Rodrigues (Madre Maria Angela)**.

1.º). — Afirma que tem notícias da fabricação de pitos também em Parnaíba, mas que a família Viviani monopolizou a feitura dos mesmos em Osasco.

2.º). — Diz que, realmente, com a industrialização do produto, a grande quantidade, a melhor qualidade e os preços mais baixos, causaram o desaparecimento prematuro do artesão, por falta de compradores.

\*

**À Profa. Helena Liberalli Bellotto.**

Confirma que os Irmãos Del Guerra e a Casa Ranieri realmente possuíam o monopólio do comércio dos pitos, pois compravam tôda a produção de Osasco. Acontece, porém que, como Maximiliano Viviani era um **bon vivant**, e como tal gostava de sair pelo Brasil afora durante 3 ou 4 meses, vendendo os seus pitos e cachimbos. Terminado o seu estoque, voltava para casa com o que conseguia apurar com a venda.

O comércio era feito por todo o Estado de São Paulo, mas temos notícia de vendas feitas na Bahia.

\*

**À Profa. Maria Cecília Mauro Freire.**

Respondendo a pergunta da interpelante, diz que os pitos eram perfurados quando estavam nas fôrmas de chumbo (barro crú), por duas peças de madeira ponteagudas chamadas **espinas**, que abriam uma perfuração maior pra o local de depósito do fumo e uma outra menor para o cabo. O acabamento era feito pelas crianças que tiravam as rebarbas, operando com uma espécie de espátula de metal denominada **lancheta**.